



**“A diferença é que
a recessão veio
antes do aquecimento
das exportações”**

DIONÍSIO CARNEIRO

Exportação ocupa espaço e evita o pior

Em 1984 o Brasil bateu recorde ao conseguir um mega saldo na balança comercial de US\$ 13 bilhões às custas de uma violenta recessão. Esse ano o país deverá bater novo recorde, com o saldo comercial superando US\$ 15 bilhões. Só que agora, ao invés de gerar recessão, o incremento das exportações está até impedindo uma queda maior no nível de atividade econômica. “A diferença é que agora a recessão veio antes do aquecimento das exportações”, destaca Dionísio Carneiro referindo-se à queda no consumo do mercado interno no ano passado que acabou direcionamento as vendas para o mercado externo.

O próprio Dionísio ressalta que os bons preços de alguns produtos no exterior e uma maior eficiência por parte da Cacex, aliados às incertezas econômicas internas, favoreceram a atividade exportadora “na realidade, a única que está atraindo direta ou indiretamente investimentos”. Apesar disso, ele não acredita que esteja havendo recuperação da atividade econômica, embora admita que as exportações estão servindo para evitar uma queda acentuada na produção.

“É uma situação completamente diferente da de 83 (o ano de mais forte recessão) porque não houve nenhum movimento recessivo para gerar divisas. Ao contrário, a inflação explode, há uma recessão interna, as incertezas aumentam, cai o nível de vendas internas e cresce a rentabilidade do exportador”, define Dionísio. Paul Singer compara a situação atual à do segundo semestre de 84, quando um *boom* de consumo no mercado americano favoreceu as exportações brasileira levando-as para US\$ 27 bilhões. “Houve uma recuperação da indústria, do emprego, atribuída às exportações”, lembra Singer, que até vê possibilidade da situação atual ter alguma semelhança com a recuperação na segunda etapa de 84 “apesar da inflação ter crescido”.

“Só falta o *boom* do mercado americano”, diz Dionísio com ceticismo. A tendência, segundo ele, é de alta das taxas de juros no mercado internacional, o que dificulta as exportações dos países do Terceiro Mundo para os ricos. E sem o consumo dos ricos, dificilmente as exportações brasileiras teriam fôlego para sustentar um crescimento econômico.